

RAÍZES MÍTICAS-HISTÓRICA E PSÍQUICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Por *Isaac Tavares e Sousa*¹

Introdução

Hoje há um debate exposto no espaço midiático muito expressivo sobre a violência generalizada para com as mulheres. Todavia, possivelmente, tais debates e divulgações não têm avaliado as raízes históricas, psíquicas, religiosas, sociológicas, políticas e até míticas sobre o desfile de horror ao gênero feminino.

Este ensaio limita-se a investigar, os aspectos das raízes míticas-histórica e psíquicas deste banho de sofrimento e sangue – estupro, assédio sexual, violência generalizada, abusos, violência psicológica, tortura, cárcere privado e assassinatos –, que vão muito mais além das estatísticas, nomeadas de feminicídio. Vocábulo relativamente novo em nossa língua. Isto significa que, a própria língua e semântica necessitou se adaptar aos estudos e pesquisas, em nível de academia, sobre a violência e crime contra o gênero feminino. Por outro lado, a discussão carece da formulação de políticas públicas que venham atender a progressão geométrica dessa barbárie. Isso ressalta numa revisão cultural plena sobre uma educação em todos os níveis. Uma educação que possa rever posições cristalizadas falocêntricas – outro termo mais vulgar seria “machismo” – em nossa sociedade. Logo, tal condição histórico-social, se reflete em todo arcabouço político-administrativo nacional. Fato é que, em termos históricos, a Lei Maria da Penha foi concebida (2006) “ontem”, apenas há alguns anos. Porém, estas considerações requer uma outra análise paralela.

Deusas, Matriarcado e Patriarcado

Acredito que, uma das divindades mitológicas mais célebres do mundo Antigo – não importa o mito sobre sua origem – seja a deusa Afrodite (Afro, em grego: nascida da espuma). O fato de trazer a este presente texto a deusa tem o sentido de seu simbolismo na feminilidade. Afrodite era prima de Zeus, a mais bela e sedutora das deusas do Olimpo.

¹ Doutor em Psicologia (Cambridge International University), Mestre em Educação (Universidade Católica de Brasília), Psicopedagogo e Especialista em Educação Especial (Universidade São Judas Tadeu - SP), Psicanalista Clínico (Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil), Orientador Educacional (Universidade Católica de Brasília) da SEEDF e palestrante. Foi docente por mais de dez anos na Universidade Católica de Brasília.

Paralelamente ao mito de Afrodite temos o mito de Eros (Cupido para os romanos) e Psique². Na trama deste, Afrodite tem participação direta no destino de seus protagonistas. Por este motivo ele também traduz os mistérios da alma feminina – Psique significa “alma” ou “borboleta”.

Em síntese, a história se desdobra da seguinte maneira: Psique era uma bela mortal, uma das três filhas de certo rei. A beleza arrebatadora de Psique, além de sua gentileza e inocência levou os homens a reverenciá-la como se fosse uma deusa. Com isso o templo da deusa Afrodite começou a perder o seu significado, ela estava muito distante, no Monte Olimpo e Psique estava entre as pessoas, tão linda quanto Afrodite. Tudo isso provocou ciúmes na deusa, estava perdendo território para uma simples mortal. Indignada enviou seu filho Eros para que flechasse uma vil criatura para que se apaixonasse por Psique. Mas Eros ao perceber a bela mortal logo se apaixonou por ela. O silêncio de Eros fez Afrodite crer que seu filho havia cumprido a missão. A história prossegue e Eros se une a Psique, e este faz um pedido a sua amada, para que nunca veja o seu rosto. Logo passaram a habitar em um belo palácio. As outras duas irmãs de Psique ficaram com inveja e foram visitá-la, com a permissão de Eros. No palácio suas irmãs deixaram Psique em dúvida, pois disseram que seu amado na verdade era um terrível monstro. Depois que partiram Psique aguçada pela curiosidade, à noite, quando Eros adormecia, entrou com uma lamparina no quarto e descobriu o belo rosto de seu amor. Mas, gotas do óleo da lamparina caíram no ombro de Eros, logo o acordando subitamente. Assustado e ferido, partiu, deixando Psique em desespero. Eros foi de encontro a sua mãe Afrodite para curá-lo. Assim, a deusa descobriu tudo, ficou mais irada com Psique e obstinada a destruí-la. O mito se desenrola com inúmeras tarefas impossíveis para psique realizar, com o objetivo de puni-la. Nas tarefas quase impossíveis muitos deuses a ajudaram, inclusive o próprio Eros, que não deixou de amá-la. Mas, uma das tarefas em particular nos chama a atenção, que era para Psique ir até ao mundo inferior, terra dos mortos, buscar com Perséfone (para os romanos Prosérpina) rainha deste mundo, um pouco de sua beleza, para entregar a Afrodite. Possivelmente, auxiliada por Zeus (Júpiter para os romanos), Psique tem sucesso na tarefa. Em seu retorno, no caminho, levando a preciosa caixa para Afrodite, fica curiosa por saber

² Possivelmente a maior fonte das histórias recontadas da mitologia greco-romana seja do poeta latino Ovídio (Públio Ovídio Nasão, 42. a.C. – 18 d.C.), daí os próprios nomes romanos para os mitos gregos. A síntese deste mito foi baseada nas seguintes obras: (a) BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia – História de Deuses e Heróis*. Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2006; (b) BIERLEIN, J. F. *Mitos Paralelos*. Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2004 e (c) GRAVES, Robert. *O Grande Livro dos Mitos Gregos*. São Paulo, Editora Ediouro, 2008.

o seu conteúdo. Não resistindo mais a abre em seguida cai em profundo sono. Eros tudo observava e rapidamente entrou em ação salvando a sua amada, despertando-a do sono. Eros lhe pediu para que rapidamente entregasse a caixa a sua mãe. Mais tarde, Eros pediu a intervenção de Zeus para solucionar as desavenças de Afrodite com Psique e prontamente foi respondido. Por fim, Psique bebeu a ambrosia celestial que a transformou em imortal. E isso fez Afrodite mudar de atitude, pois Psique não estaria mais na Terra para atrair a atenção e adoração para si, por isso passaram a ter uma relação amigável. E assim, Eros e Psique permaneceram unidos e felizes.

Os mitos de Afrodite, Eros e Psique possuem intensa ligação com a arcaica história da estrutura psíquica da mulher. Para entendermos esta dinâmica precisamos regressar aos primórdios da antiga história europeia. O pesquisador do mundo clássico grego, Johann Jakob Bachofen³ (1815-1887) juntamente com o escritor britânico Robert Graves⁴ (1895-1985) chegaram a uma conclusão que os mitos gregos teriam registros reais de tipos de civilizações que um dia existiram. Para eles, houve uma batalha entre homens e mulheres na antiga civilização europeia – por certo a civilização cretense minóica que era matrilinear⁵, exercendo assim, grande influenciou na arcaica cultura grega. O sistema matrilinear implica que tanto a descendência, quanto o parentesco e as demais reações sociais são legalmente consideradas apenas por meio da mãe. Acredita-se, conforme fontes históricas⁶, que há três mil anos a.C. habitantes da Ásia Menor por meio da navegação alcançaram a Ilha de Creta. Com o passar dos séculos tornou-se uma civilização voltada para o comércio marítimo. Devido ao desenvolvimento econômico Creta passou a ser governada por um rei que ergueu uma obra que se chamava Palácio de Cnossos. A civilização minoica surgiu mais evoluída, após a destruição das cidades cretenses por um terremoto. Assim, em 1700 a.C. o Palácio de Cnossos foi reconstruído com um grande labirinto – segundo a mitologia grega o labirinto abrigava uma criatura metade homem e metade touro, ou seja, o Minotauro. A religião cretense revelava o grande valor que era atribuído à mulher; tinha como divindade a Deusa Mãe Réia Cibele, sempre representada coma criança ao colo, ligada aos recursos da terra, como fertilidade e fecundidade. A “Deusa-Mãe” se incorporou na religião grega como Deméter (conhecida pelos romanos

³Conf. BIERLEIN, J. F. *Mitos Paralelos*. Rio de Janeiro (p. 285-289), Editora Ediouro, 2004 e CAMPBELL, Joseph. *Mitologia na Vida moderna* (p. 95-125). Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 2002.

⁴ Ibidem (Bierlein).

⁵ Muraro em sua obra *A Mulher do Terceiro Milênio*, Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Ventos, 2000, registra que pinturas e afrescos deste período, mostram mulheres sacerdotisas, dirigindo navios, plantando etc.

⁶ Conf. a obra de HOOD, Sinclair. *A Pátria dos Heróis*. Lisboa, Editora Verbo, 1968.

como Ceres), irmã de Zeus, deusa das plantações, da fertilidade da terra, da renovação de vida e todas outras maneiras de reprodução, inclusive a concepção humana. Ela representava o cultivo da terra, o vínculo com a natureza, a nutrição do corpo e da alma. Mas, outros povos se aproveitaram do enfraquecimento de Creta, pelo motivo de inúmeras catástrofes naturais – tsunamis, terremotos etc. – e realizaram diversas invasões, levando a Ilha ao declínio. Assim, Creta foi finalmente invadida e dominada pelos indo-europeus em torno de 1400 a.C. Provavelmente, incursões e invasões de outras culturas, tenham aos poucos retirado do cenário a mulher e sua importância na sociedade cretense. Mas de qualquer maneira, a cultura cretense torna-se a base da civilização grega.

Segundo Bachofen ocorreram três períodos distintos na antiga civilização do velho continente. O período bárbaro foi o primeiro, denominado de estágio de “hetairismo” (do grego, hetero, ambos). Neste período tanto homens quanto mulheres comandavam uma sociedade sem ordem, sem respeito, sem lei. Não havia normas sexuais, era uma sociedade altamente promiscua. A criança não “existia”, a família muito menos, o que imperava era a manifestação do desejo sexual; o estupro estava na ordem do dia. Neste período bárbaro, conforme Bachofen, Afrodite era uma das deusas venerada. Mas um dia histórico chegou, as mulheres se rebelaram e unidas fundaram uma sociedade matriarcal, substituindo a desordem total que havia no período de “hetairismo”. Bachofen aponta as prerrogativas femininas que justificariam o novo direcionamento social naquele mundo:

Ao criar seus filhos, a mulher aprende mais cedo que o homem a estender seus cuidados amorosos para além dos limites do ego, em direção a outras criaturas, e a direcionar qualquer dom de inventividade que possui para a preservação e benefício dessas outras existências. A mulher nesse estágio é o depositário de toda cultura, de toda benevolência, de toda devoção, de todo interesse pelo vivo e tristeza pelo morto.⁷

Elas conseguiram então implantar normas, limites e leis e assim, organizaram uma civilização. Deste modo, se originou uma ginecocracia, possibilitando por esta ordem, o triunfo da civilização sobre o caos. Instituíram mais um poder sagrado, Deméter – outras deusas também eram cultuadas –, a deusa das plantações, detentora dos mistérios da produção do solo, deusa da fertilidade, da sementeira e da colheita. Os povos de toda a

⁷ Fragmento citado por Campbell (2002: 100).

Grécia – continental e ilha de Creta – cultuavam Deméter; este período foi de grande fartura agrícola. Como agradecimento aos benefícios da natureza, uma festa, denominada de *Tesmoforias*⁸, que tinha como propósito a devoção a Deméter, se realizava sempre no final de outono, na época da semeadura; era uma festa feminina da fertilidade, proibida para os homens. As mulheres festejavam e honravam a deusa até por dez dias – os dias possuíam nomes de acordo as ações festivas. O primeiro dia se chamava *anodos* (subida) elas festejavam o retorno à superfície de Perséfone (filha de Deméter, raptada por Hades) do mundo subterrâneo dominado por Hades. Neste dia, ocorria uma alegórica procissão, com as mulheres levando uma grande variedade de alimentos, para depois se acamparem junto ao templo, para oferenda, além dos animais para serem sacrificados no altar. No segundo dia, *nesteia*, ocorria um jejum coletivo, como preparação para o terceiro dia, denominado de *kalligeneia* (belo parto) no qual ocorriam as oferendas e os banquetes, que se seguiam nos dias posteriores.

O amor materno teve lugar nesta civilização. Logo se desenvolveu um período de dominação feminina não somente na infância, mas estendeu-se até aos homens adultos. Possivelmente as mulheres detiveram o poder da dominação aliadas ao sagrado, ou seja, os homens temiam o infortúnio lançado pelas deusas, logo a obediência ao matriarcado. Por certo, também, os homens temiam as mulheres pelo poder do mistério da capacidade de procriar, a fecundidade ligada aos poderes da natureza “mãe” que produzia vida e alimento, que produz a semente; eles não compreendiam a sua participação no processo biológico da fecundação.

Graves registra que as três fases da lua, nova cheia e velha (fase minguante) tem ligação com as três fases da rainha matriarca – representante de uma divindade feminina – em determinada região. A correlação seria o seguinte: virgem, ninfa e velha que foi associada ao percurso anual do Sol. E, naturalmente se evocou as estações do ano: virgem na primavera, ninfa no verão e conseqüentemente velha no inverno⁹. Também havia a associação às alterações sazonais, tanto na esfera silvícola quanto na vida animal. Portanto havia uma tríade sacralizada, que se reunia na Mãe Terra, que por sua vez era tipificada

⁸ Tal festa tinha ligação direta com os “Mistérios de Elêusis”. Um dos mais antigos e intrigantes dos mistérios gregos. Os ritos eram direcionados em honra a Deméter e as celebrações se relacionavam com a vida após a morte em que somente os iniciados poderiam ter este conhecimento, mas tinham que mantê-lo em total segredo. Alguns eruditos acreditam que haja uma conexão entre os *mistérios de Elêusis* e a maçonaria. Conf.: (1) WRIGHT, Dudley. *Os Ritos e Mistérios de Elêusis*. São Paulo: Editora Madras, 2004 e (2) Coleção Quero Saber: *Mitologia da Antiguidade* (p.50). São Paulo, Editora Escala, 2009.

⁹ Conf. detalhes do período do matriarcado seu domínio e ascensão do patriarcado em: GRAVES, Robert. *O Grande Livro dos Mitos Gregos* (p.19-21). São Paulo, Editora Ediouro, 2008.

com as deusas: Selene, Afrodite e Hécate. Os devotos reverenciavam essas deusas todas como o mesmo nome de Hera. Selene era uma deusa lunar, também identificada como Ártemis; Hécate era uma deusa lunar misteriosa, por vezes identificada, de igual modo, como Ártemis (Diana). E, em outra versão Hécate era identificada como sendo uma deusa da bruxaria e encantamento, associada à Perséfone. Hécate, ainda, possuía alternâncias, com três corpos e três faces, correspondendo às fases lunares: crescente, minguante e nova. Hera (para os romanos Juno) era esposa de Zeus, rainha dos deuses do Olimpo. Portanto, nesta antiguidade não havia deuses masculinos, e a devoção à Deusa Mãe detentora da vida – fauna e flora – se estendia também à mulher, pois esta detinha o poder da fecundação. Neste período, os homens não haviam associado à relação sexual com a gestação, tudo era misterioso e mágico. Porém houve um momento que o coito foi considerado e logo se descobriu que o homem, também, era participante do poder gerador da vida. Com essa descoberta, paulatinamente o sagrado foi alterado em benefício do homem, já não mais se atribuía à gravidez da mulher a responsabilidade pela vida das plantas, dos animais, do sentido do vento, chuva, assim como o mover dos rios, juntamente com a diversidade do fluxo de peixes. Aos poucos o poder da ninfa tribal (um tipo de sacerdotisa) foi se suprimindo, e a prática de sacrificar um jovem amante a cada ano – o sangue da vítima era aspergido para que houvesse frutificação no campo e fertilização no meio do rebanho –, também passou a se extinguir. Por fim, o reinado da Deusa Mãe foi minguando, e a Lua cedeu lugar ao Sol – representado por Apolo –, este se tornou o símbolo de fertilidade masculina. Uma nova associação se estabeleceu; agora o Sol era o responsável pela trajetória sazonal. Tudo aquilo que era do controle dos poderes femininos transferiu-se para o masculino; surgindo o mandato do patriarcado, com implicações projetivas no mundo do sagrado. E o monte Olimpo, juntamente com Zeus e outros deuses masculinos sancionariam o destino da mulher nos séculos vindouros.

Neste antigo cenário da Europa, com o estabelecimento do reinado masculino, hordas de mulheres guerreiras que, inconformadas com tal condição deram início à gênese das lendárias Amazonas. Bachofen acredita que a lenda das guerreiras Amazonas¹⁰ teria

¹⁰ Eram tribos de mulheres guerreiras e transgressoras da ordem patriarcal – em um mundo cuja função da mulher era ter filhos, ser obediente aos maridos e resignar-se à demanda do lar. Elas só reconheciam a descendência materna. Conta-se que elas retiravam ou cauterizavam o seio direito, ainda na puberdade, para melhor manejarem o arco e flecha. O termo *mazósem* grego significa seio e “*a*” seria um prefixo de negação. Também, a mutilação do seio teria um simbolismo, além do aspecto prático, pelo lado esquerdo se tornariam homens. Mas, há historiadores que contestam essa versão ou ainda que apenas algumas tribos realizassem a mastectomatização. Os primeiros a notificar a existência das temíveis guerreiras Amazonas foram os gregos que posteriormente o relato migrou para outras culturas da própria Europa, parte da Ásia, sobrevivendo por

estreita ligação com o período do matriarcado, testemunha da veracidade da existência de um era matriarcal. No mundo mítico, Hipólita¹¹ é uma das figuras centrais da nação das Amazonas¹², pois foi uma das rainhas. Ela foi morta por Hércules, em seu nono trabalho, entre os “doze trabalhos”, que consistia em levar o cinturão de ouro de Hipólita – cinturão ou laço dado por Afrodite – a Admeta, filha de Euristeus, por ordem deste. Euristeus era rei de Micenas (sobrinho de Alcmena, que era a mãe mortal de Hércules, filho de sua relação que tivera com Zeus) com receio de perder o seu trono para Hércules, idealizou “os doze trabalhos”, numa tentativa de sempre deixar o herói ocupado e assim manter o seu reinado. Este mito torna-se revelador do desejo de dominação, da masculinidade, pela força muscular, sobre a natureza feminina, tipificada em Hipólita. Outra rainha das Amazonas, Pentessiléia, que era irmã de Hipólita, se encontra na “Odisseia”. Tróia não caiu imediatamente após a morte de Heitor – um dos relatos finais da *Ilíada* –, pois teve ao lado aliados, ente eles Pentessiléia que liderou bravamente um bando de guerreiras. A rainha e suas guerreiras eliminaram inúmeros soldados gregos, mas finalmente foi morta por Aquiles. Em seguida o herói se lamentou, sobre o corpo da guerreira Amazona, ao ver tamanha beleza e bravura. Neste episódio, de igual modo, Hipólita e Pentessiléia foram mortas em luta.

Graves assim descreve:

Aquiles feriu Pentessiléia com a lança em seu primeiro encontro e a fez cair da sela, puxando-lhe os cabelos. Enquanto jazia moribunda no chão, os soldados gritavam: “Atirem essa mulher-macho aos cães como castigo por ter ultrapassado a natureza de mulher!” Embora Aquiles tenha pedido que se fizesse um funeral honroso, Diomedes [um de seus homens] arrastou o cadáver pelos pés e o atirou às águas do Escamandro (2008: 776).

Nesta ocasião, mais uma vez a supremacia masculina é evidenciada poeticamente. Mas, Aquiles lamentou sua vitória ao ver a bela jovem inerte. O lamento foi por arrependimento pela beleza da figura feminina perdida, que poderia ter outras utilidades, ou um sentimento de culpa não identificado – inscrito nas camadas mais profundas da

séculos, chegando ao Brasil. Fato que os espanhóis em 1542, diziam ter visto as tais mulheres guerreiras, daí o batismo de “a terra das amazonas”. Vide também nota 30.

¹¹ Conf. BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis* (p.147-148). Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2006.

¹²As Amazonas, na versão mitológica, conforme investigação de Graves (2008: 564) eram filhas de Ares e Harmonia, mas outras tradições apontam que a mãe da nação Amazonas era Afrodite.

ancestralidade inconsciente –, por opor-se a uma representante do gênero detentor da procriação e manutenção da vida? Ficou evidenciado neste relato da Odisseia, que os homens sempre tentaram negar qualquer possibilidade de perder a supremacia para a mulher, que ela teria apenas a função da procriação, além da sexual, para a descarga orgástica deles mesmos. O horror aos poderes femininos, inadmitido pelos homens de Aquiles – apenas personificado nestes, pois a história da civilização quer seja mitológica ou fatural testifica esta veracidade nos homens – se revela ao bradarem: “Atirem essa mulher-macho aos cães como castigo por ter ultrapassado a natureza de mulher! ”. A natureza masculina em nada mudaria nos séculos vindouros. O cadáver de Pentessiléia tornou-se sem nenhuma serventia, com isso os homens se tornaram mais irados. Por isso, a arrastaram e a lançaram na água, para banir do campo de visão, aquela ameaça. Hoje, os homens permanecem fóbicos diante das multipotencialidades femininas; daí os fundamentos da misoginia¹³.

Para além da literatura mitológica e registros históricos, o matriarcado aliado a mulheres guerreiras, encontrou um relevante testemunho arqueológico em 1996. A renomada revista *Archaeology*, volume 50, nº. 1 de janeiro/fevereiro de 1997, da *Archaeological Institute of America*, publicou uma reportagem inédita com o seguinte título: *Mulheres Guerreiras da Eurásia*. A reportagem relata sobre os achados da antropóloga americana Jeannine Davis-Kimball¹⁴ e sua equipe, que descobriu nas estepes do sudeste da Rússia, próximo de Pokrovka, tumbas de fósseis de mulheres bem armadas para a guerra e a caça, com ossos das pernas arqueados, atestando a montaria em cavalos. Foram em torno de 14 tumbas datadas do século V a.C. E, ao lado de vários destes fósseis femininos estavam inúmeros adornos, como brincos, colares e espelhos. Ainda, se constatou na descoberta, que estas mulheres eram altas, algumas com 1,90 metros, bem acima da média dos gregos do período datado. O que torna mais interessante a descoberta de Davis-kimball e acaba atestando o registro de Heródoto (485-420 a.C.), historiador grego do século V a.C.

¹³ Termo de origem grega: *miso*, ódio e *gine*, feminino. Significando assim, ódio e aversão a tudo que possa estar ligado à mulher, e à própria mulher. Como também, a ideia e crença na plena inferioridade da mulher.

¹⁴Conf. a obra da antropóloga (escrita juntamente com Beahan Mona) *Warrior Women: An Archaeologist's Search for History's Hidden Heroines (Mulheres Guerreiras: busca de uma Arqueologia para Heroínas Escondidas na História)*. New York, NY, 2003. No Brasil o achado foi divulgado na revista *Superinteressante* (O berço das Amazonas). Nº. 130. São Paulo, Editora Abril, julho de 1998. Detalhes da descoberta e parte da história das Amazonasconsultetambém: RIBEIRO, Ernesto (Neocodex Ensaio Civilização Perdidas II): *A Cultura das Amazonas*:<http://neocodex.vilabol.uol.com.br/ernestoribeiro/amazonas01.htm> - Acesso em 18 de setembro de 2011.

que em seus documentos registrou a existência de mulheres guerreiras e que estas teriam se instalado também na região das estepes russas. O alfabeto grego era usado pelos russos na época do relato de Heródoto. Assim, as descobertas de Davis-kimball têm estreita ligação com as ideias de Bachofen e Graves quanto ao matriarcado.

Em outro mito grego a deusa eleita pelo matriarcado, Deméter sofre um infortúnio de perder a sua filha Perséfone. Esta é raptada à força por Hades (Plutão para os romanos), sendo levada ao mundo inferior dos mortos para ali se tornar rainha. Mais adiante voltaremos a análise da filha de Deméter e sua ligação aos mitos de Afrodite e de Psique.

Ainda, no período do matriarcado, conforme Bachofen e Graves, a Lua era tida como um símbolo do sagrado, por isso a deusa da caça e protetora dos partos outorgando mais poderes à mulher. Ártemis ou Selene (Diana) era identificada com este astro. Para Graves, no matriarcado as mulheres eram caçadoras e guerreiras, por isso a adoração a Ártemis.

Acredito que a instituição do feminino no sagrado impôs temor entre os homens, permitindo a longevidade do matriarcado. Mas outro momento histórico surgiu e os homens tomaram o poder, ocorrendo à transição do matriarcado para o patriarcado. Creio que os homens acabaram por descobrir a sua ligação com a fecundação, e as mulheres não eram tão poderosas assim, necessitavam deles – outros fatores devem ter provocado o fim do reino feminino, mas este por certo foi termo final. Possivelmente a civilização matriarcal tenha perdurado cerca de três mil a mil e seiscentos anos a. C. (Muraro, 2000). Assim, houve a passagem do poder sagrado lunar, representado pela deusa Ártemis para o poder sagrado de Apolo ou Febo (tanto para gregos ou romanos), irmão gêmeo de Ártemis, deus que representava as artes, a cultura e a vida intelectual, identificado com o Sol. Com isso a mensuração do tempo passou de lunar para solar – uma transição do poder feminino para o masculino. Para Apolo, é o homem quem tem a semente da vida, a mulher apenas alimenta esta semente; a mulher transmite apenas à matéria e o homem a forma, a alma, a inteligência, o pensamento. Por volta do século VIII a.C. iniciou-se o culto a Apolo. A partir do período do patriarcado os homens se tornaram mercenários com total dominação sobre as mulheres. Tempos mais tarde este domínio já era fato estabelecido na Antiga Grécia. Muraro escreve que:

Em Atenas [Grécia arcaica], as mulheres casadas estavam firmemente atadas à esfera doméstica. Nas casas dos poderosos havia um recinto reservado para os homens e outro para as mulheres – o gineceu. As mulheres

pobres e as escravas eram as únicas que podiam sair às ruas fora dos ritos sagrados e dos funerais, única ocasião em que era dado à mulher sair fora da casa (2000:89).

Conforme Muraro, na Grécia arcaica, o principal papel da mulher era o de produzir filhos, e esta não poderia demonstrar nenhum interesse sexual, deveriam sempre ser frias. A expectativa que os gregos tinham das mulheres se revela em Héstia¹⁵, (Vesta para os romanos) outra irmã de Zeus, virgem, assim como Atena e Ártemis. Héstia era deusa do lar e da lareira, responsável pela santificação da casa– a lareira doméstica também era um lugar de sacrifício entre os gregos. Ela representava o ideal de uma mulher, no recinto do lar ocupada em seus afazeres, de pouca conversa, estando sempre no anonimato. Héstia foi a única deusa olímpica que jamais participou de uma guerra. A "boa" mulher deveria estar em total submissão ao seu marido e às responsabilidades domésticas. Além da esposa, também as escravas e prostitutas eram sexualmente exploradas. A situação da mulher ficou mais agravada na era da Grécia clássica. Quanto a esse período diz Muraro:

À medida que a história grega foi evoluindo, a Grécia foi saindo do período arcaico e entrando na era clássica, seu poder foi reforçado e, com ele, a estrutura de classes. A condição da mulher, então foi se tornando cada vez pior. No século VI a.C., Sólon, com seu Código de Leis, tornou ainda mais rígida a condição feminina. A propriedade do marido era absoluta, indo ao extremo de o pai poder vender como escrava ou prostituta a filha que perdesse a virgindade, mesmo que esta perda fosse devida a estupro (2000: 90).

Creio que a pressão sociocultural no ocidente – via capitalismo – das últimas décadas acabou por “expulsar” a mulher do convívio doméstico, colocando-a sob inúmeras responsabilidades ocupacionais na cadeia de produção, formação e desenvolvimento acadêmico e administração financeira, além dos cuidados maternos familiares. Tudo isso foi providencial para a exposição da capacidade cerebral feminina na realização de multitarefas, que antes, estava restrita apenas ao lar sem muito reconhecimento social. Betty Friedan em seu livro, “A mística Feminina”, condensa a monotonia que era a restrição doméstica e passiva da mãe americana em 1963. Hoje a “mística” tem um novo caráter, que

¹⁵ Conf. GRAVES, Robert. O Grande Livro dos Mitos Gregos (p. 92-93). São Paulo, Editora Ediouro, 2008.

se traduzem na revelação do potencial mental feminino em tempos de grandes exigências nesta era pós-moderna. O conjunto de capacidades femininas, inclusive potencialidades da gravidez, não seriam cascatas de poderes, impossíveis aos homens? Não seria Afrodite o símbolo máximo de tudo aquilo que os homens sempre desejaram ver, sentir, usurpar e até possuir de uma mulher? Daí uma inveja inaudita? É por isso que os ecos da repressão milenar, com repasses na atualidade, ainda são intensamente sonoros?

De volta à análise dos mitos, reunindo, em destaque Afrodite, Psique, Atena, Ártemis, Perséfone e as Amazonas, vamos identificar a trama de poderes que estas produzem no imaginário masculino, além dos papéis ambivalentes incorporado pela mulher na atualidade representado por estas personagens mitológicas.

Em Afrodite encontramos a representação do prazer sexual – a manifestação da libido sem o compromisso da procriação –, a fertilização, o poder da beleza, a musa nutridora de todas as artes, o erotismo, a transgressão à norma e o rompimento de paradigmas. Afrodite não seria uma ameaça ao patriarcado, pelo fascínio sexual que ela desperta nos homens? Pois estes se tornam imponentes diante da deusa para resistir seus encantos. Enquanto em Psique, descobrimos o ideal da esposa submissa à vontade do esposo – comportamento em conformidade com os padrões e regras sociais da cultura grega, e por isso admirada –, embora imersa no desejo de saber quem fosse realmente o seu amado, um monstro (as irmãs de Psique a inculcaram que seu esposo seria um monstro) ou um belo jovem apaixonado. Nos dias atuais um grande contingente de mulheres ainda vive na incógnita, por saber qual seria a verdadeira face de seus companheiros. Afrodite a “pecadora” temida pelos homens, uma das representantes do matriarcado e Psique símbolo de modelo e submissão à ordem patriarcal, creio representem a mulher nesta atual sociedade pós-moderna. Ambas, hoje, estão diluídas nas entranhas da silhueta psíquica feminina, produzindo uma série de conflitos psíquicos, frustração e desconforto emocional. Evidentemente outras deusas se manifestam na psique feminina.

A conquista da liberdade sexual ocorrida nas últimas décadas – pílulas, hemorragia pornográfica, amor livre, divórcio, maior conhecimento do próprio corpo, pesquisas do comportamento sexual feminino – proporcionou um sentimento de busca de libertação da opressão do patriarcado, mas, ao mesmo tempo, gerou o conflito da permanência ou não da mulher exemplo, de perfeita dona de casa, plena mãe e esposa, submissa aos desejos patriarcais no lar e na sociedade. Apesar das ondas feministas e “anos sessenta” a mulher atual se encontra difusa, aflita, e ambivalente, entre Afrodite e Psique – em meio a outras deusas diluídas em seu interior. Ser uma ou outra, ou ambas, ou múltiplas

ao mesmo tempo? Além da deusa sedutora e da exemplar mortal, surge outra personagem do matriarcado, Ártemis, a deusa guerreira da caça e protetora do parto. Não seria Ártemis representante maior da mulher atual, indo à luta, a “caça” com seu arco e flecha – habilidades e capacidades – na busca de formação, empreendimento e mercado de trabalho, além de exercer o papel de mãe? As recentes conquistas pela mulher em todas as áreas do planejamento e produção da civilização não tem imposto também medo ao patriarcado? Contudo, ainda outra figura mitológica ressurgiu na mulher atual, Atena, a deusa da sabedoria, das artes, da criatividade e da liderança, que se revela quer seja nas áreas políticas, artes, educação ou áreas administrativas empresariais. Atena não seria uma antítese do patriarcado? Atena reaparece mesmo nas conquistas no restritivo mundo patriarcal religioso, como é o caso de lideranças eclesiais no cristianismo de movimento principalmente evangélico.

Todavia, ainda temos nesta análise Perséfone, filha de Deméter, raptada por Hades e levada para ser rainha do mundo inferior dos mortos. Não representaria Perséfone o desejo do patriarcado de lançar a temida mulher grega para o inferno, banir do imaginário o medo milenar dos poderes matriarcais? O mito de Perséfone se tornando rainha no mundo inferior, e continuando bela, não representaria o desejo masculino de, mesmo dominada (em baixo, no mundo de Hades), ainda a mulher deveria permanecer bela e sedutora? A indústria da beleza, cosméticos, moda, *lingerie*, etc. não teria também este objetivo na atualidade? O patriarcado grego, romano, ou a instituição deste que romperam os limites geográficos da antiga Europa e Ásia, nos últimos séculos a.C., não mudou, segue o mesmo espírito de opressão e desejo de submissão total da mulher. O espírito do legislador Sólon continua entre nós. Por fim, o mito das guerreiras amazonas, expoente da era matriarcal, ecoa ainda na *alma* – na arcaica história do Inconsciente – feminina, mesmo se passando incontáveis séculos. Os vestígios psíquicos das mulheres guerreiras estão entranhados na mulher atual, levando-a a luta e conquistas nos reptos do cotidiano, tendo constantemente que bradar e *zunir* suas flechas e espadas no território do patriarcado. Sim, as *novas* Amazonas estão entre nós, em uma revolução silenciosa. Os homens dessa era pós-moderna trazem consigo, no mais recôndito dos labirintos psíquicos, a temeridade de um mundo antigo dominado pelas mulheres. O medo do matriarcado, das amazonas, das deusas gregas não findou.

Um Pestanejar Sobre o Contexto Contemporâneo

As conquistas femininas nas últimas décadas têm ultrapassado os limites do corpo reprodutivo e erógeno. Em progressão geométrica as mulheres têm abarcado

conquistas em todas as áreas sociais, quer seja no domínio da cultura, da economia, dos esportes, da diversão ou da política. Porém, sabemos que a luta feminina global tem ainda muito a realizar, por isso:

No dia em que se possa dizer que é tão importante pôr os dons femininos, sob uma forma transmissível, ao serviço de todos, como foi preciso utilizar os dons masculinos para outrora edificar uma civilização, a sociedade será enriquecida¹⁶.

Assim, acredito que a discriminação entre os sexos é uma ficção apenas baseada na dessemelhança natural de identidade e gênero, funções corpóreas e psíquicas, além dos papéis de desempenho sociocultural. Será necessário romper fronteiras, sondar mais profundamente tais diferenciações, se quisermos um possível diálogo de equilíbrio entre os gêneros. As qualidades femininas têm superioridades em aspectos não compatíveis aos homens – como a capacidade gestacional, multi-habilidades, entre outras –, e de igual modo há aspectos mais compatíveis a eles que elas – por exemplo, habilidades lógicas mais focais e comportamento competitivo – Logo, são diferentes, por isso seus desejos são diversos e podem se complementar – não necessariamente. E, a utilização apropriada das diferentes capacidades entre os sexos, concorrerá para a possibilidade de maior qualidade e equilíbrio nos relacionamentos interpessoais, com reflexos na esfera da intimidade. Os homens não precisam temer a Afrodite ou Ártemis – ou outras *deusas* no interdito feminino – que existe em todas as mulheres, devem contemplar e admitir os seus poderes. Se essa admissão não ocorrer o medo das *deusas* irá permanecer – na mente do homem elas permanecerão absolutas com seus poderes, e por isso há um pensamento obsessivo que devem ser combatidas e dominadas – e, não desaparecendo, sempre a mulher será a perturbadora do Inconsciente masculino – como é da lógica de produção capitalista –, perturbação essa, que irá potencializar o ideário da supremacia patriarcal. Provocando, assim, profundas valas de sofrimento na sociedade feminina. A violência doméstica e urbana contra a mulher atualmente, tem se tornado alarmante, sinalizando que o medo permanece cristalizado no seio inconsciente do patriarcado. Milhões de mulheres estão subordinadas ao constante perigo e opressão. Esta condição se sintetiza nas palavras da escritora D' Atri:

¹⁶Margaret Mead, em *L'un et l'autre sexe*, citado por Vachat (1973: 73).

A violência sexista encontrou, inclusive, novas denominações, como a do femicídio, com a qual se tenta descrever o horror dos crimes contra as mulheres, os quais são antecidos por torturas e violações sexuais, seguidos por impunidade e silêncio (2008: 10).

Há muitos séculos as deusas e deuses mitológicos não são venerados como o eram nos tempos da Antiga Grécia, pois eles assumiram outras formas para justificar o destino humano – isso além de se revestirem com os adornos do Vaticano. Acredito que um destes novos deuses tenham se personificado em sistemas políticos, como o capitalismo essencialmente patriarcal, sob o ideário de uma democracia utópica e segregadora – não estou afirmando aqui que o socialismo seja melhor que o capitalismo, ambos têm dividas históricas impagáveis com as mulheres. É evidente que não podemos negar que a via do capitalismo produziu desenvolvimentos inimagináveis, que sem eles não seria possível a sustentação civilizatória como a temos hoje. Entretanto, também, trouxe consigo as neuroses e outros comprometimentos avassaladores do psiquismo, do corpo e o sacrifício do ecossistema. Mas a mais nefasta revelação do capitalismo foi o altar *olímpico* da individualidade e o pretense poder do ego sobre a realidade e a natureza. A escalada do narcisismo contemporâneo teve seu início, na primeira fumaça da máquina a vapor, sob o céu britânico. Naquele momento, a natureza humana descobriu que poderia produzir um “Zeus” dentro de si. Isto significa que tanto o capitalismo quanto a democracia se estruturou e fez história sob a ótica da ideologia patriarcal – inclusive com cortejos do suposto poder sagrado do *deus* Vaticano – sempre objetivando a submissão e domesticação feminina em todas as classes sociais. Nesta via patriarcal o capitalismo fundamentado na exploração produziu milhares de vítimas em todos os continentes, a maioria esmagadora de mulheres e crianças – como é o caso da exploração do trabalho infantil em países da América latina e da Índia na Ásia, entre outros. A mulher quando entrou na batalha capitalista em busca de seus direitos – aqui não me refiro somente à entrada no mercado de trabalho, mas à luta pela igualdade –, os homens já estavam lá, blindados com seus direitos falocêntricos; e isso custou a elas o sacrifício de inúmeras pioneiras. A luta do gênero feminino em busca de direitos tem conquistado êxitos, mas quando olhamos para os sete bilhões de habitantes no planeta, sendo que mais de 50% são de mulheres e cerca de 1,5 milhões (um bilhão e meio) vivem em absoluta condição de miséria e, desta cifra, 70% são mulheres¹⁷; ficamos

¹⁷ Conf. D’Atri (2008:157).

desalentados pela monumental desproporção. Na América latina vivem por volta de 160 milhões de mulheres em pobreza absoluta¹⁸. E o que não dizer das mulheres que morrem por causa de partos e abortos inseguros? No mundo são mais de 500.000 que morrem por ano¹⁹. Os tentáculos da barbárie contra a mulher estão em todos os continentes. Na Indonésia, China e Coréia do Sul, entre outros países, as vítimas dos infanticídios e abortos são 99% do gênero feminino²⁰. Há em torno de um milhão de analfabetos no mundo, destes, 70% são de mulheres²¹.

Outra manifestação, dos deuses patriarcais do Olimpo, que na verdade nunca abandonaram a psique humana – sempre estiveram a serviço do sobrenatural desde os tempos imemoriáveis, muito antes dos registros ditos sagrados – são as multiformas da manifestação da ideia do poder sagrado, através das religiões fundamentalistas principalmente. Existe mais de 110 milhões de meninas e mulheres com a genitália mutilada – o clitóris é retirado e os lábios vaginais são costurados –, em nome dos ritos ligados à religião; por ano são em torno de dois milhões²². Não bastou a Inquisição? Waris Dirie, a bela ex-modelo da Somália, que por muito tempo estampou as capas da *Vogue*, vivenciou a experiência da mutilação. Dirie conta a sua dolorosa e extraordinária história no livro *Desert Flower (Flor do Deserto)* ²³. Na obra ela descreve sua trajetória de como conseguiu sobreviver ao ritual da mutilação, sua fuga da Somália até as passarelas da moda. A Dirie, ao revelar sua história, teve o objetivo de sensibilizar o mundo para o sofrimento de milhares de meninas que trazem em seus corpos a marca da bestialidade e insensatez de parte dos povos africanos, mergulhados nas trevas de um sistema tradicional, patriarcal e absolutamente fundamentalista. Ela conta que na África as mulheres, nas tribos, fazem a maioria dos trabalhos, no entanto em nada podem optar, não escolhem nem mesmo o futuro marido, elas não têm nenhum poder de decisão. De igual modo, as mulheres assassinadas por crimes de honra, não têm escolha quando se tornam alvo.

Os crimes de honra, em culturas fundamentalistas patriarcais, são tidos como legais. Uma barbárie que permanece inalterada por séculos, pois tem o aceno da religião. O mosaico de crimes de honra tem faces como: casamentos forçados, violência e tortura

¹⁸ Ibidem (p. 158).

¹⁹ Ibidem (p.156).

²⁰ Ibidem (p. 156)

²¹ Ibidem (p.157)

²² Ibidem. (p. 156).

²³ Waris Dirie escreveu o livro juntamente com Caathleen Miller. Publicado por William Morrow & Co., Inc., Nova York, 1998.

doméstica, raptos, ameaças e homicídios em defesa da honra. A comissão de Direitos Humanos da ONU diz que:

Em nome de preservar a 'honra' da família, mulheres e meninas são mortas a tiros, apedrejadas, queimadas, enterradas vivas, estranguladas e esfaqueadas com regularidade horripilante.²⁴

Atualmente os crimes de honra tem se multiplicado na Europa. Isso tem ocorrido devido à enorme quantidade de imigrantes com suas famílias advindas de países islâmicos, que têm se radicado, nas últimas décadas, em países como Alemanha, França, Itália, Dinamarca, Bélgica, Reino Unido, entre outros. Há informações de especialistas que o número de vítimas seja de 100 mil. Os crimes de honra estão relacionados a tradições arcaicas tribais, vinculadas geralmente ao poder do sagrado. E, as filhas que nasceram no ocidente, nas comunidades islâmicas, acabam sendo influenciadas pela cultura diferenciada das tradições religiosas; por isso passam a ter um comportamento, muitas vezes inadequado frente a suas famílias. Não querem mais a sujeição de um casamento forçado ou de uma opressão e submissão irrestrita ao marido. Muitas optam pela fuga e quando localizadas são assassinadas, por um irmão, marido ou mesmo o pai. Além disso, quando são violentadas sexualmente, em defesa da honra da família, são assassinadas pelos próprios homens de sua família ou parentes. Todos os crimes de honra são premeditados. Mas, saindo do território europeu, vamos para África Ocidental, pois as mulheres desta região detêm uma mensagem transgressora.

Na África Ocidental, na República de Camarões, ocorre a prática do achatamento dos seios²⁵, em meninas que se aproximam da puberdade. O ato consiste em aquecer um toco de madeira alongado, com um formato de concha na extremidade – ou algum outro utensílio doméstico –, bem aquecido para em seguida, apertá-lo nos seios, como se fosse uma massagem, para assim, impedi-los de crescer. O responsável pelo ato é alguém do ciclo parental, mas geralmente a mãe se encarrega da ação, que pode durar por semanas a tortura. Essa prática, conforme especialistas irá comprometer completamente o desenvolvimento dos seios, inclusive a capacidade de aleitamento. O objetivo, segundo a tradição, é para inibir a sensualidade no processo da passagem de menina para se transformar em mulher. As mães acreditam estar realizando um benefício para as filhas, pois

²⁴ Conf. Revista *Seleções Reader's Digest*. Artigo: *Mulheres Vítimas de Honra* (p. 102). Tomo CXXXV, Nº. 840, Janeiro de 2012.

²⁵ Conf. a programação do canal National Geographic, que exibiu na TV, dia 4 de abril de 2012 a reportagem: *Tabu, corpos mutilados*. Site: www.nationalgeographic.com

um compromisso precoce de casamento iria impedir qualquer desenvolvimento educacional e ocupacional futuro. As pesquisas indicam que, cerca de uma em cada quatro meninas, se submetem a este drama do achatamento dos seios e que hoje existem em torno de quatro milhões de mulheres com os seios queimados – garotas e mulheres adultas – na República de Camarões e vizinhanças.

Esta tradição parece não se vincular diretamente a religião, entretanto existe um interdito que se relaciona ao desejo das mulheres em não se submeterem aos homens – conforme a tradição ordenada pela religião –, de não estarem na dependência. Há relatos que muitas meninas aprendem o método e se autotorturam. Talvez, este exército de mulheres com os seios comprometidos e deformados, negando uma expressão máxima da feminilidade, queira trazer uma mensagem, que não querem ser dominadas e oprimidas por seus parceiros, que não querem se sujeitar ao pleno domínio patriarcal – elas, pelo ato, acabam se transformando em transgressoras silenciosas da ordem patriarcal, mesmo com gritos de horror experimentado na infância. Este fato nos leva ao relato sobre as tribos das guerreiras amazonas, no mundo grego antigo, que retiravam o seio direito para melhor adestrarem o arco e flecha. Hoje, as mulheres de Camarões fazem o ritual com o mesmo objetivo: querem estar desimpedidas para um futuro mais promissor – que as vias educacionais e profissionais (arco e flecha) podem oferecer para depois vir um casamento – em que possam exercer, pelo menos, um pouco de autonomia e liberdade, para assim não se sentirem periféricas.

Conclusão

O mundo contemporâneo, em seu eixo psíquico patriarcal, permanece com a mensagem que tem norteador por milênios a Civilização Universal: de que a mulher deve permanecer como o “outro da história”, no dizer de Simone de Beauvoir. A violência sexual contra a mulher, assim como a agressão psíquica em todas as sociedades e culturas do Planeta, valida essa realidade.

Consequentemente, aqui entre nós, sociedade brasileira, necessita, via esferas governamentais, de uma profunda repaginação política, leis e projetos exequíveis no que se refere à valorização, respeito, dignidade e segurança da mulher, principalmente aquelas que vivem à mercê em riscos sociais, de abusos mais iminentes. Entretanto, estas questões, perpassam pelo microsistema social familiar, laboratório da formação de nosso mapa emocional. Mapa este que se desenvolve e se emoldura no sujeito pela educação. Vocábulo

do latim, *educere*, que significa “alimentar” e “extrair”. Assim, o que retirar das futuras gerações sobre o olhar para a mulher em sua inteireza? Deste modo, a consideração, respeito e valorização da mulher nutrem-se de uma educação de qualidade dos laços afetivos. Fora disso, os portais da agressividade tornam-se horizontes mais imediatos. Se não houver uma reinvenção do olhar atual para a alma feminina, novas “Marias da Pena” terão que ser criadas e as estatísticas do horror terão cifras mais expressivas.

Em suma, as raízes histórico-míticas da violência contra a mulher, se escondem no abissal do inconsciente da formação e desenvolvimento da arquitetura psíquica do patriarcado. Que, por sua vez, tais raízes, se traduzem em desejo permanente de domínio, agressividade e eliminação da mulher que supostamente ameaça abalar ou roubar este poder patriarcal. Isso explica os crimes passionais, ou aqueles atos de agressividade e feminicídio, no qual o homem não permite perder o domínio exercido com a companheira. Isso ocorre em qualquer cultura ou nível social. Evidentemente, cada cultura obteve, ao longo da história antropológica, características próprias na estruturação patriarcal, refletindo no modo como a mulher é vista e tratada. Mulheres no mundo árabe e mulheres europeias têm tratamentos e valorizações bem distintas. Contudo, o estupro e violência contra a mulher em todas as guerras (concebidas como despojos) foram muito mais avassaladores por exércitos ocidentais.

Finalmente, espero que este breve ensaio, sobre a violência contra a mulher, possa dilatar nossa pupila perceptiva – e não importa o gênero – sobre o quanto o tecido social necessita com urgência reestruturar uma outra visão para o sexo feminino em sua inteireza, em suas versões: psíquica e corpórea. Sabendo que há o corpo erótico, o corpo de reprodução e o corpo de produção ocupacional.

BIBLIOGRAFIA

- BIERLEIN, J. F. *Mitos Paralelos*. Rio de Janeiro (p. 285-289), Editora Ediouro, 2004
- CAMPBELL, Joseph. *Mitologia na Vida moderna* (p. 95-125). Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 2002.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia – História de Deuses e Heróis*. Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2006.
- BIERLEIN, J. F. *Mitos Paralelos*. Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2004 e (c) GRAVES, Robert. *O Grande Livro dos Mitos Gregos*. São Paulo, Editora Ediouro, 2008.
- HOOD, Sinclair. *A Pátria dos Heróis*. Lisboa, Editora Verbo, 1968.
- WRIGHT, Dudley. *Os Ritos e Mistérios de Elêusis*. São Paulo: Editora Madras, 2004.
- Coleção Quero Saber: *Mitologia da Antiguidade* (p.50). São Paulo, Editora Escala, 2009.
- GRAVES, Robert. *O Grande Livro dos Mitos Gregos* (p.19-21). São Paulo, Editora Ediouro, 2008.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis* (p.147-148). Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2006.
- Warrior Women: An Archaeologist's Search for History's Hidden Heroines (Mulheres Guerreiras: busca de uma Arqueologia para Heroínas Escondidas na História)*. New York, NY, 2003.
- Revista *Superinteressante* (O berço das amazonas). Nº. 130. São Paulo, Editora Abril, julho de 1998. Detalhes da descoberta e parte da história das Amazonas consulte também.
- RIBEIRO, Ernesto (Neocodex Ensaio Civilização Perdidas II): *A Cultura das Amazonas*:<http://neocodex.vilabol.uol.com.br/ernestoribeiro/amazonas01.htm> - Acesso em 18 de setembro de 2011.
- Margaret Mead, em *L'un et l'autre sexe*, citado por Vachet (1973: 73).
- Revista *Seleções Reader's Digest*. Artigo: *Mulheres Vítimas de Honra* (p. 102). Tomo CXXXV, Nº. 840, Janeiro de 2012.
- D' ATRI, Andrea. *Pão e Rosas: Identidade de Gênero e Antagonismo de Classe no Capitalismo*. São Paulo, Edições Iskra, 2008.
- MURARO, Rose Marie. *A Mulher no Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 2000.

- _____. *Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e Classe Social*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- ROBLES, Martha. *Mulheres, Mitos e Deusas: O Feminino Através dos Tempos*. São Paulo, Editora Aleph, 2006.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Edição Eletrônica, CD-ROM, Rio de Janeiro, Imago (1969), 1998. Obras Consultadas:
- _____. *A Interpretação dos Sonhos*. Vol. V (1900).
- _____. *A Psicologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI (1901).
- _____. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. Vol. VII (1905).